

Desporto na escola: Uma possibilidade do desenvolvimento da corporeidade do aluno

Uma revisão da literatura

Domingos Virgílio Esquadro¹*Faculdade de Ciências de Educação Física e Desporto Universidade Pedagógica - Moçambique*

PREÂMBULO

No mundo actual, o corpo e corporeidade tem sido discutidos e tratados sob as mais diferentes perspectivas, neste caso, a corporeidade é uma tentativa de superar as antigas e dominantes interpretações da fragmentação do homem. Quando pensamos e discutimos sobre escola e sobre Educação Física escolar, é possível identificarmos diferentes concepções de corpo, que influenciam não somente a prática pedagógica dos professores, mas também a concepção de corpo dos alunos fruto do contributo da prática do desporto escolar.

Assim sendo foram revistos vários artigos que versam sobre a corporeidade em varias áreas de estudos incluindo a de educação física de modo a termos o norte a respeito da visão do corpo e da corporeidade ao longo do tempo e destacou se que: (1) regista-se que a ideologia dominante é a que considera que o corpo é composto por mente e corpo, (2) nota nas aulas de educação física uma limitação por parte dos professores na leccionação das suas aulas não permitindo que o aluno manifeste a sua corporeidade.

Palavras chave: Corporeidade, Educação Física, aluno e Escola

Foreword

In today's world, the body and corporeality has been discussed and addressed under the most different perspectives in this case, the embodiment is an attempt to overcome the old and dominant man fragmentation of interpretations. When we think and discuss about school and Physical Education, it is possible to identify different body designs that not only influence the pedagogical practices of teachers, but also the design of the body of the fruit of the contribution of students of school sports practice.

Therefore it has been revised several articles that deal with the physicality in various fields of study including physical education in order to have the North about the vision of the body and corporeality over time and noted that: (1) registered that the dominant ideology is the one that believes that the body is composed of mind and body, (2) note on physical education classes a limitation on the part of teachers in teaching their classes not allowing the student to express his corporeality.

Keywords: Embodiment, Physical Education, Student and School

1.INTRODUÇÃO

Ao longo da história da humanidade, o corpo humano foi influenciado por vários regimes e houveram várias mitologias para a sua interpretação, alguns pela falta de consenso optaram por lhe dividir em dois, outros atribuindo-lhe a culpa do pecado (6, 11 e 23). O Homem pensa a partir da sua existencialidade, a partir do seu corpo enquanto estiver em vida no mundo dos vivos, a corporeidade implica a existência, o contacto consigo, com o colega, a corporeidade implica a coesão do corpo como o uno, (7, 13, 16, 21, 22, 30 e 33). A modernidade ocidental revestida da crescente racionalização instrumental de controle da natureza, cindiu o homem em corpo e espírito e isso contribuiu para a má interpretação de valores agregados ao homem que se baseou no pragmatismo, ceticismo e por sua vez o acelerado processo de industrialização dificultou a compreensão dessa relação...

A actividade física sempre esteve patente na actividade dos Homens e educação física foi afirmada a partir dessas actividades e deve considerar o corpo do aluno não como um objecto, mas sim um sujeito íntegro e a necessidade de competir faz com que a educação física adquira um papel de relevância dentro de toda a prática desportiva (16, 38 e 45). O presente trabalho surge da necessidade de congregar a informação disponível na literatura sobre a investigação prática desportiva na escola de forma a contribuir para a sistematização dos problemas conceptuais, interpretação e tratamento do corpo na era contemporânea. A partir da revisão dos estudos que abordam sobre a corporeidade, espera-se que a presente revisão contribua para a melhor estruturação da pesquisa a respeito da possibilidade do desporto contribuir para o desenvolvimento da corporeidade do aluno.

Palavras chave: Corporeidade, Educação Física, aluno e Escola

2.1. O CORPO E O SEU PARADIGMA AO LONGO DO TEMPO

2.1.1. Conceito da Corporeidade

O termo corporeidade indica a essência ou a natureza do corpo. A etimologia do termo nos diz que corporeidade vem de corpo, que é relativo a tudo que preenche espaço e se movimenta e que ao mesmo tempo localiza o ser humano como um ser no mundo (AHLERT, 2011). Corporeidade é uma expressão usada pela filosofia para definir a percepção do ser humano como indivisível, sem a divisão corpo e mente (SANTIN, 1987). O autor acrescenta dizendo que “a corporeidade é o diálogo entre corpo, mente espiritualidade e a sua relação com o mundo”. (SILVA, 2013).

Segundo DAOLIO (2007) & JUNIOR (2008) comentam que «o corpo, para além de ser definido ao longo do tempo de várias maneiras, também foi campo de actuação de diferentes ideologias, apresentando-o como instrumento para realização de tarefas nobres, ou simplesmente sendo colocado em segundo plano» nesta ordem podemos identificar que o conceito de corpo tem sido discutido por vários pensadores, como Platão, Descartes, Merleau-Ponty, sendo valorizado algumas vezes, mas em outras, não.

Já foi apresentado como ameaça à forma de poder da época, como “morada” do pecado ou simplesmente como um instrumento para o trabalho. O corpo material [...] corpo pensado, não vivido como se pensa, herdamos por cisões efectuadas desde Platão que separa corpo de alma, passando por Descartes – que promove a separação objectiva e subjectiva, conduzindo o psicólogo, que passa a acreditar nessa separação... (REHFELD, 2004). Uma separação tão subjectiva que levou o homem a estar obcecado dessa agonia de negar a sua existencialidade, deste modo, «o Homem, para pensar, tem que existir. (...) Não é o pensamento que cria o homem, mas o homem concreto que pensa» (FRIGOTTO, 1996). A etimologia do termo corporeidade vem de corpo, que é relativo a tudo que preenche espaço e se movimenta e que ao mesmo tempo, localiza o ser humano como um ser no mundo... (JOÃO, 2004). Mesmo assim o (MOREIRA, 2006) citado pelo (DUARTE, 2014) afirma que o conceito de “corporeidade implica em vida, em existência, em momento em que o ser pensa o mundo, o outro e a si mesmo na tentativa de conceber essas relações, na tentativa de reaprender a ver a vida e o mundo” e acrescenta dizendo que «Corporeidade vem de corpo, que é relativo a tudo que preenche espaço e se movimenta, e que ao mesmo tempo, localiza o ser humano como um ser no mundo [...] com objectividade e subjectividade num contexto de inseparabilidade». Por sua vez o (NÓBREGA, 2010), diz que «Compreendemos a noção de corporeidade como sendo unidade que engloba uma pluralidade de formas ou de existências», esta observação do autor trás uma coesão em termo da unicidade do homem como um sujeito.

Na observação de (MOREIRA, 2012) diz que, «Corporeidade não é um objecto específico de estudo de alguma área, mas sim é mais de um conceito, uma atitude perante a vida» e por sua vez, «a construção cultural do corpo está profundamente enraizada na natureza política da sociedade e de suas relações de poder»... (NÓBREGA, 2010). Assim sendo “O corpo actual, em nossa cultura racionalizada, cientificada e de escala industrial produtiva, torna-se um objecto de uso, utensílio, uma ferramenta possível de ser manipulado pela vontade de outros, dependente dos interesses económicos, políticos ou ideológicos, [...], com base nas observações dos autores nos remete a ideia de que o corpo é a única expressão identitária na qual o homem se expressa perante a sociedade, na mágoa, na dor, na alegria, na tristeza, no amor, na paixão, é o corpo que ocupa espaço aceitando a lei da física de que «*dois corpos não ocupam o mesmo espaço*» e o (MOREIRA, 2012), acrescenta dizendo que «é o corpo material, massa muscular apêndice daquelas reais qualidades do ser humano que são o espírito e o intelecto. É o corpo disciplina, submisso, que pode ser controlado por médicos, treinadores, professores, industriais, [...], É o corpo docilizado pelas pregações religiosas, com direitos futuros de um grande palácio celestial quando já não for corpo bruto e pecador». Ser corpo é estar no mundo sensível e inteligentemente através de um diálogo de aprendizagem, uma certa espiritualidade do corpo no sentido de vivenciar atitudes e encontrar corpos mais enriquecidos de todos sem aspectos vitais e emocionais, MORAIS (1993-1995) citado por BOFIM, (2011).

Corporeidade exige um conceito pluridimensional, [...], conceito compatível com uma ciência moderna. (MOREIRA, 2012). Assim, a corporeidade constitui-se das dimensões: física (estrutura orgânica- biofísica-motora organizadora de todas as dimensões humanas), emocional-afectiva (instintopulsão-afecto), mental-espiritual (cognição, razão, pensamento, ideia, consciência) e a sócio-históricocultural (valores, hábitos, costumes, sentidos, significados, simbolismos). Todas essas dimensões estão indissociadas na totalidade do ser humano, constituindo sua corporeidade (JOÃO, 2004).

2.1.2. RETROSPECTIVAS HISTÓRICAS DO CORPO SEGUNDO (ASSMANN, 1995)

citado BOFIM, (BOFIM, 2011).

- a) **O corpo jardim fechado**- corpo proibido e cobiçado, virgem cadáver sagrado, mistério inviolável...

- b) **Corpo aberto e devassável**- corpo dessacralizado, invadido, corpo máquinadesde dos alquimistas ate a visão do corpo anatómico, da medicina oficial do desporto....
- c) **Corpo ajustável ao que se necessita** – corpo forca de trabalho, educável, corpo de atleta malhado, corpo capital humano...

O trabalho dominante que dá conformação ao corpo e cria o modelo ideal a ser seguido, (SANTOS, 1997).As ideologias sempre conseguem inventar um corpo humano adequado para o cumprimento das ordens necessárias. Há o corpo jardim fechado, aquele que é sacralizado, o qual vive em função do desenvolvimento do espírito. Há o corpo ajustável ao que se necessita, dotado de plasticidade, de moldeabilidade, de elasticidade, corpo que já há algum tempo presta-se ao serviço e é força de trabalho, útil no cumprimento das funções regulares no mercado de trabalho, como os corpos professores, estivadores, executivos, operários, enfim, corpo relação mercantil, ASSMANN (1994).Citado por (BOFIM, 2011).BOFIM,

O corpo actual, em nossa cultura racionalizada, cientificada e de escala industrial produtiva, torna se um objecto de uso, utensílio, uma ferramenta possível de ser manipulado pela vontade de outros, dependente dos interesses económicos, políticos ou ideológicos. É o corpo objecto de transição, de troca, de exclusão, de coisa a ser descartável após seu uso e normalmente abuso, (MOREIRA, 2012)

2.2. NA ANTIGUIDADE GREGA

A Grécia do século IX ao século VI antes da era cristã, observamos a emergência de cidades guerreiras cuja seus cidadãos eram educados para honrar sua linhagem de espírito de guerra entre diversas tribos que habitavam o território e isso contribuiu para o nascimento do corpo do herói como padrão socialmente necessário. O homem é comparado aos grandes animais, principalmente aqueles que por seu tamanho ou voracidade representam o poder supremo na lei da selva. Após as guerras, a forma física dos homens muda pelo fato de as condições concretas para a sobrevivência mudarem. Pode-se notar o surgimento de dois tipos básicos de homem: o camponês e o aristocrata, (SANTOS, 1997).

Quando falamos da antiguidade clássica sempre recorremos a Grécia antiga que na altura já era uma sociedade que tinha aparência com as actuais, deste modo os o (CAMBI, 1999) afirma que «Os gregos acreditavam que o corpo e alma não eram realidades separadas e exercitando o corpo, promoviam benefícios também para a alma...», ao contrario a isso, Sócrates assim como

o Platão «pregava que o “*homem era dividido em corpo e alma*” e que estavam em contacto com duas realidades distintas, a inteligível e a sensível» (GALLO, 2006). É esta a ideia que encarnou a idade média baixa e alta em comunhão com o cristianismo arrastou se ate o renascentismo que ate hoje se registam algumas sequelas a respeito da resistência em reconhecimento da corporeidade.

Por sua vez, o Aristóteles não considerava o corpo como algo essencialmente estranho, como o cárcere da alma, já que “na constituição da natureza humana, a alma está presente como a forma, e o corpo, como a matéria” (GONÇALVES, 2007, p. 43), formando, dessa forma, uma unidade.

PeríodoGreco-romano volta para a preocupação com a ética, com o conhecimento humano, com as relações homem e natureza, e homem, natureza e Deus. (TEIXEIRA, 2007). Nesse cenário «o corpo parece servir de anteparo para múltiplas projecções da utópica aldeia global: em sua inelutável evidência, apresenta-se como signo comum da existência, [...], (BRAGA, 2011). Por sua vez a ginástica foi entendida como sinónimo de Educação Física, ganha espaço nas discussões dos poderosos e passa a corresponder aos interesses da classe social hegemónica na busca de saúde. (TEIXEIRA, 2007).

Como consequência das guerras o território Grego fica sob poder do Império Romano , “A *polis* deixa de ser o centro político, inaugura-se assim um novo período histórico – *helenístico ou Greco-romano* (final do séc. III a.C. ao séc. VI d.C.), sendo voltado para a preocupação com a ética, com o conhecimento humano, com as relações homem e natureza, e homem, natureza e Deus. (TEIXEIRA, 2007).

O período helenístico atenta para as transformações ocorridas na sociedade grega, em que o pensamento de Epicuro figura entre as formas de compreensão do humano ao revelar «Um bem que não é só contemplativo, mas que também se pauta nas acções advindas de novas formas de se pensar a morte, o desejo, o prazer, os deuses e o futuro». Os prazeres espirituais são vistos como os melhores, pois levam o homem a buscar a paz da alma,primam pela inclusão dos diferentes por meio de uma convivência amigável, hedonista e que conduza à felicidade – tudo em busca do alcance de serenidade, prazer, felicidade e controle dos desejos a partir de uma estética existencial pautada na lógica, na física e na ética. (TEIXEIRA,2007).

2.3. NA IDADE MÉDIA

Neste período da história importa citar os pensadores da época é o caso de Santo Agostinho e São Tomás de Aquino «perspectiva cristã» até René Descartes «filosofia renascentista». A igreja Católica, que viu seu poder aumentar a partir do século XII, como resultado do aumento das doações ofertadas pela nobreza e também em função da prosperidade do sistema feudal. Porque segundo o CAMBI (1999, p. 153), diz que « os nobres acreditavam que quanto maior e melhor a doação, melhor seria o seu tratamento após a morte». O Homem neste período preocupava-se com a salvação divina, que por simples gentileza em ofertar a Igreja e cumprir com os mandamentos era suficiente para transpor a farsa da salvação, o seu corpo por ser imbuído pelo pecado era entregue a Deus a fim lhe orientar neste mundo dos vivos.

Para (CAPRA, 2006), diz que “o período medieval foi a época em que se formou a Europa cristã, foi o tempo da Igreja e do cristianismo, “[...], «A Igreja determinava a cultura, os costumes, os mitos e as tradições, dominando, inclusive, o corpo do homem, considerado o maior responsável por todos os pecados» (BRAUNSTEIN, 1999).

Ele ainda acrescenta dizendo que «A sua influência também se estendia ao sistema educacional e às escolas, local onde o corpo deveria ser disciplinado a qualquer preço», o corpo é a parte impura do ser humano e a alma a entidade mais importante, Podemos dizer que o período medieval foi marcado pelo dilema existente entre fé e razão. “O homem, para São Tomás, é uma unidade substancial de alma e corpo. É o homem que, como unidade, possui dois princípios: o corpo e a alma. Temos em São Tomás, a afirmação mais veemente da união corpo e alma, estando o corpo presente na própria constituição da pessoa.” (GONÇALVES, 2007, p. 46).

É no cartesianismo científico que a Educação Física e o desporto vão desenvolver seus princípios de produção de conhecimento e de acção prática, trazendo para dentro da área o dualismo psicofísico reinante, (NETO, 2012).

2.4. NO RENASCIMENTO

No Renascimento, o Humanismo foi o movimento intelectual que considerava o homem como centro de toda a reflexão, valorizando o espírito humano e reforçando a confiança na razão e no

espírito crítico. «O Renascimento foi o período de redescoberta do corpo, de valorização da liberdade do homem, mas também foi o período em que o dualismo presente nos dias de hoje se firmou com maior propriedade. Nessa época, surge a comparação do corpo humano com a máquina» (NOVAES, 2003). E como consequência até na actualidade encontramos no (CORBIN, 2008) citado por (MONTEIRO, 2009) diz que «estudo sobre o corpo presente em várias ciências, interpretado pelos pesquisadores sob métodos e epistemologias que variam em função das sensações, das técnicas ou das expressões

Neste período o homem é valorizado segundo a necessidade da classe capitalista da época de modo a sustentar as suas descobertas científicas, isso é as fábricas que precisa de homens capacitados e «A escola teve a função de reproduzir a concepção de mundo da classe dominante e objectivava uma adequação ao trabalho das fábricas e o profissionalismo para as classes privilegiadas (OLIVIER, 1995). Para o (GONÇALVES, 2007) diz que o Marx considerava o homem em sua totalidade, como parte integrante do mundo e, conseqüentemente, contribuiu para a compreensão do conceito da corporeidade, tão presente e actual na sociedade contemporânea, “no trabalho o homem se comunica com o mundo através de todos os sentidos e não apenas pelo pensamento.

Nesse momento históricos os corpos são treinados para realizarem os trabalhos nas fábricas eficientemente, modelados para servir ao regime capitalista (FOUCAULT, 2008).

O Nietzsche afirma que o pensamento é algo encarnado é uma actividade corporal. Para esse pensador e crítico do século XIX, «o ponto de partida do conhecimento é o corpo». (NETO, 2012) A corporeidade, neste sentido, implica numa atitude ética, na qual o ato de movimentar-se, na Educação Física e no desporto, demanda transcendência, aprimoramento de si mesmo, obtenção de conhecimento e preocupação com o outro. E isto envolve atitudes responsáveis perante o mundo. (NETO, 2012)

2.5. NA ERA CONTEMPORANEA

As relações desencadeadas por um estímulo dependem da significação que este tem para o organismo considerado não como conjunto de forças que tendem ao repouso pelas vias mais curtas, mas como um ser capaz de certos tipos de acção. (BRAGA, 2011). Com os estudos da

fenomenologia de Merleau-Ponty, o corpo passa a ser entendido sob novos olhares. Ao pensarmos sobre o corpo devemos compreendê-lo como aspecto primordial da existência humana, ele “é a medida da nossa existência no mundo” [...] O corpo é movimento, gesto... é um múltiplo de dimensões que não se fragmentam, mas se complementam para caracterizar cada sujeito (NÓBREGA, 2010). Considerando o corpo como uma unidade estaríamos a fortificar a doutrina da corporeidade negligenciando os atributos de dão as partes que compõem o corpo humano como o caso de (boas coxas, bonito, feio...) que não trazem nenhuma diferença no seu cômputo geral.

A rejeição do dualismo permite-nos começar da posição de um observador da corporeidade e sugere uma integração destes aspectos que são objectivamente acessíveis com aqueles que são subjectivamente experienciados. (RINTALA, 1991) citado por (SANTIN, 2005).

O exemplo paradigmático é bem conhecido *O Erro de Descartes*, cuja crítica ao filósofo do *cogito* centra-se na importância das emoções no próprio funcionamento da razão e tendo como suporte o corpo, mais especificamente, o cérebro... Não se deve desconhecer a contraposição do Damasio (1996) contra a compartimentação do ser humano, bem como na tentativa de estabelecer uma outra qualidade da relação mente-corpo para além do dualismo cartesiano (MONTEIRO, 2009). Em consonância com este pensamento, a educação física compartilhou parte dessa maneira de pensar o corpo humano e ao dedicar-se simplesmente as diferentes partes desse corpo, acabou perdendo de vista o sentido de humano e do corpo em toda a sua complexidade (SANTIN 1987-1993) citado por (BOFIM, 2011). No entanto, o incômodo persiste e se agrava ao se perceber que o efeito dessa concepção renovada do corpo nos conduz ao recrudescimento do organismo como “realidade” do ser humano, só que agora renovada e ampliada. Ou seja, o sujeito, cuja sede era a alma ou a mente, agora pode ser entrevistado nas redes neuronais e na sua constituição corpórea como um todo. A ampliação perspectiva em relação ao ser humano que daí emerge é inegável. (BRAGA 2011).

A partir da revolução industrial e burguesa, as concepções higienista e eugenista obtiveram grande ascensão e foram potencializadas em nossa sociedade, tornando essa disciplina “receita e remédio ditada para curar os homens de sua letargia, indolência, preguiça, imoralidade [...]” (SOARES, 1994), citado por (TEIXEIRA, 2007).

Na sociedade contemporânea há uma grande valorização da dimensão estética do corpo, contribuindo para que ele seja considerado como máquina: uma máquina defeituosa, que

necessita de reparo, constantemente submetido a diferentes tipos de experiências (NOVAES, 2003).

Para o (FOUCAULT 1977), citado por (MONTEIRO, 2009) diz que Com a era industrial, os corpos se tornam indispensáveis. Mas não os corpos do desejo e da emoção, e sim um corpo dominado pela técnica, reprimido em sua sexualidade, disciplinado para a guerra e para o trabalho. Disciplinar os impulsos é sinónimo de educar. Merleau-Ponty (1997) nos avisa que “é necessário reencontrar o corpo operante e actual, aquele que não é um pedaço de espaço, um feixe de funções, que é um entrançado de visão e movimento”. (GOMES, 2008). O movimento que o autor avisa deve ser orientado a partir das aulas de educação física e desporto de forma Pedagógica e Didáctica.

Além disso, queremos mostrar que os estudos da corporeidade podem constituir-se em esforços valiosos para o aprofundamento das críticas encetadas a partir do materialismo histórico, configurando-se, para ele, em um desdobramento necessário a ser empreendido para o enriquecimento de suas análises. (JUNIOR, 2008).

3. DESPORTO NA ESCOLA

Para LIMA (1981) «O fenómeno do desporto é uma componente global da actividade humana e social» e o (BENTO, 2013) acrescenta dizendo que «Ele está profundamente enraizado na cultura contemporânea e como tal, impõe-se como uma necessidade humana e um bem comum na senda da formação educativa e desportiva dos nossos jovens. (A *alteridade* é a pedra basilar do desporto....). Não pode, por isso, existir somente um modelo organizativo. É necessário subordinar todas as formas de prática desportiva às necessidades da evolução dos alunos, respeitando as etapas de desenvolvimento, integrá-las numa estrutura diferenciada, em que todos possam encontrar resposta para as suas aspirações, interesses e preferências (CARVALHO, 1987).

Na perspectiva de BENTO (1991), o desporto escolar deverá ter como preocupação resolver o conflito entre as expectativas crescentes do rendimento e a perspectiva de servir de forma responsável e consciente a sua educação e formação. LIMA (1994) considera que as actividades lúdico-desportivas de carácter complementar ao currículo, por propiciarem movimento de forma livre e voluntária, constituem uma boa aposta no sentido de conferir credibilidade e valor às actividades físicas.

As finalidades a que o Desporto Escolar se propõe situam-se globalmente na satisfação do direito de todos os alunos e (não apenas dos mais dotados) terem acesso ao Desporto e no reforço da motivação para a prática, com vista à aquisição de um estilo de vida activa e saudável. Por esta razão, na organização e desenvolvimento das actividades, devem ser ponderados os aspectos referentes à saúde e bem estar, uma vez que constituem um dos meios de compensação dos efeitos nocivos dos estilos de vida da sociedade actual (MOTA, 1995).

Ao longo da história, a humanidade sempre conviveu com formas complexas de luta competitiva. No conto da Ilíada é descrita uma luta entre Ulisses e Ajax, em frente ao exército grego, em homenagem a Pátroclo, amigo de Aquiles (BRAGA, 2011), para ele «os jogos olímpicos realizados na Grécia durante cerca de 12 séculos, de 776 a.C. até 393 d.C., incluíam modalidades competitivas as mais diversas, como corridas, arremessos e luta. As provas de luta dividiam-se em *pugilato* e *pancrácio* (literalmente, ‘vale-tudo’). Para os gregos daquela época, a vitória nos jogos era um caminho para a imortalidade, uma maneira de permanecer no pensamento dos parentes e na recordação dos homens, através de êxitos extraordinários.

Na verdade, só por extensão do termo podemos falar de uma educação física da antiguidade, tão vaga a sua definição tão avulsos e empíricos os seus procedimentos, tão intuitivas as suas finalidades e quando existente, de conceptualização ingénua muitas vezes fantasista em outras e quase sempre limitadamente, (SOBRAL, 1988). Por sua vez «a educação física era vista pelos médicos como meio de difusão da higiene, melhora da raça, corpo saudável e logo chegado até os militaristas como um processo na qual preparavam os jovens para defender seu país (HÚNGARO, 2008).

Ao longo da história, veremos que a educação física passa por vários modelos políticos, sendo até importante para a industrialização, como meio de aumento de produção, tendo um corpo saudável para suportar mais horas de trabalhos diários. (HÚNGARO, 2008), este contributo que a educação física fez no tempo, sempre esteve atrelado na perspectiva do dualismo do corpo.

Portanto, entendemos que a Educação Física, no desenvolvimento de suas práticas no espaço pedagógico, deve compreender o corpo dos alunos como expressão viva do sujeito, de forma integral e não fragmentada... (DUARTE, 2014).

A necessidade da educação física foi já afirmada na mais remota antiguidade quer nas práticas educativas das civilizações pré-históricas, quer nos documentos legados pelos pensadores mais

arcaicos. Ontem como hoje, tal afirmação fundamenta-se no reconhecimento da idoneidade educativa e pedagógica desta educação física. (SOBRAL, 1988), essas formas das actividades físicas manifestadas pelos primitivos eram feitas de forma inconsciente como meio de sobrevivência sem nenhuma regra e não deixa de ser um primórdio de educação física.

A necessidade de competir, como ingrediente fundamental da prática dos desportos, fez com que a educação física adquirisse um papel de relevância dentro de toda a prática desportiva e, em especial, em relação aos grandes eventos desportivos nacionais e internacionais. (POSSATO, 2011). Para além disso o competir fortalece o auto-estima, auxilia na socialização do aluno na escola.

O princípio do uso do corpo deve ser substituído pela ideia de ser corpo, isto é, de viver o corpo, de sentir-se corpo. Não são os (eu ou consciência) os proprietários de um corpo, do qual se servem e fazem o uso que bem entendem como qualquer utensílio. A corporeidade, seguindo o pensamento de Maurice Merleau-Ponty, deve estar incluída na compreensão da consciência e do eu. O eu ou a consciência são corporeidade. (POSSATO, 2011), assim sendo na visão do autor a «a Educação Física deve ensinar e a ajudar viver e sentir se corporeidade. Este objectivo passaria a ser fundamental na Educação Física, na medida em que ele é o suporte básico do próprio modo de ser do homem...

«A Educação Física é uma acção eminentemente escolar enquanto o desporto é o domínio de formas sociais da actividade e são realidades diferentes», (BENTO, 1981), o mesmo acrescenta dizendo que «De entre as formas físicas das actividades humanas, as desportivas tem sofrido da parte das sucessivas gerações, um esforço inovador e criados, devido às relações vincuativas com a totalidade da estrutura do tecido social».

A competição, as regras, respeito, hierarquia, e autoritarismo presente no desporto se adequam à estruturada escola como conteúdo da escola de educação física pelo facto de que estes elementos são necessários à manutenção da sociedade capitalista. (HÚNGARO, 2008). Em contrapartida o (SOBRAL, 1988) sustenta dizendo que «O desporto é ainda uma prática organizada do ponto de vista regulamentar, um espaço separado do real por uma legislação precisa que define o território onde se exerce o acto desportivo e estabelece os limites a observar pelos praticantes desse exercício nas relações que entre si constituem».

A competição não é um elemento presente em todas as culturas humanas [...], por exemplo, num jogo de futebol, aprendido dos missionários, grupos indígenas do Estado do Mato Grosso, costumam festejar o golo da mesma maneira pelas duas equipas. O golo não é a conquista de uma equipa, mas a festa de todos os jogadores. O golo representa a culminância de um jogo ou de uma jogada bem sucedida. Neste mesmo sentido, Claude Levi-Strauss, num trabalho desenvolvido com um grupo de indígenas da Guiné, os Gahuku-Kama, que também aprendeu o futebol dos missionários, diz que eles "ao invés de procurar a vitória de um dos equipas, multiplicam o número de jogos de modo que derrotas e vitórias se equilibrem. O jogo não termina quando há um vencedor, mas quando se assegura que não há perdedor" (POSSATO, 2011).

Um elemento típico do desporto é a superação, tão bem trazida na máxima de Coubertin, *citius, altius e fortius*. (SOBRAL, 1988). Segundo o mesmo autor, com esses princípios «O jogo corresponde a um impulso vital, a uma espécie de instinto educativo que tinha em vista preparar os jovens seres para tarefas que naturalmente lhes caberia na idade madura», e por sua vez o “ O desporto escolar surge como uma das intencionalidades revestidas pelo desporto – meio de educação física”, (BENTO, 1981).

A escolha do desporto como meio principal de tratamento educativo nas aulas de educação física não se apoia somente em critérios psico-sócio-pedagógicos, inerente a pedagogia concreta e funcional... (BENTO, 1981). Por isso mesmo o desporto é uma maneira de olhar o Outro, dá-nos bitolas para um modo superior de o avaliar, apreciar e admirar. Em suma, ensina a projectar sobre o Outro a luz da cordialidade e razão. (BENTO, 2013).

O movimento que as crianças realizam num jogo, tem repercussões sobre todas as dimensões do seu comportamento e mais que esta actividade veicula e faz as crianças introjectar determinados valores e normas de comportamento[...] BRACHT (1997). Por sua vez o (HÚNGARO, 2008), afirma que «o desporto moderno surge como actividade corporal com finalidades competitiva vindo da cultura europeia, mas especificamente das classes populares inglesas, procurando substituir os jogos tradicionais que tinham carácter religioso».

Assim, a forma desportiva é aquela que, no domínio psico-motor ou físico, oferece maior gama de capacidades para apropriação do indivíduo e oferece maior ligação e interferência educativa

com os outros domínios da personalidade, (BENTO, 1981), e por causa disso «Devemos entender que o movimento que as crianças realizam num jogo, tem repercussões sobre todas as dimensões do seu comportamento e mais que esta actividade veicula e faz as crianças introjetar determinados valores e normas de comportamento[...] BRACHT (2005). «O desporto escolar como uma actividade complementar de aprendizagem de uma unidade de ensino inscrita na educação deve procurar interdisciplinaridade com outras actividades complementares cuja motivação, conteúdo, finalidade e roupagem principais derivam quase exclusivamente do campo social». (BENTO, 1981). Numa outra perspectiva o autor afirma que a educação física é «uma disciplina predominantemente orientada para a formação da competência desportiva-motora e para o desenvolvimento da capacidade de rendimento corporal» (BENTO, 1991).

3.1 A intensidade das aulas de educação física

Vários autores analisaram a qualidade das aulas de Educação Física, procurando se as cargas atingem mínimos adequados para produzirem efeitos positivos nos níveis de expressão da Aptidão Física, sobretudo na aptidão de resistência. A generalidade dos estudos usa como indicador da intensidade de esforço a frequência cardíaca. Parece consensual entre os autores que o valor mínimo de frequência cardíaca para produzir efeitos positivos na aptidão da resistência se situa entre 140 e 160 por minuto durante 5 minutos (GILLIAM, 1981) citado por (MOTA, 2000), essa generalidade dos autores nos obriga a olhar para as nossas aulas de modo que planifiquemos os exercícios que produza intensidade capaz de provocar uma alteração no organismo dos alunos com uma intensidade capaz de produzir um efeito desejado para com os alunos.

A intensidade da aula depende sobretudo do tipo de exercício, o domínio das tarefas, habilidades dos alunos para além da organização e gestão do tempo de aula. A literatura a este respeito é quase unânime ao referir uma insuficiência na quantidade e qualidade dos estímulos que permitam melhorar a prestação na aptidão de resistência. (MOTA, 2000).

Praticar desporto é fazer funcionar toda a maquinaria misteriosa do corpo, a ventilação, a irrigação e neuroses feedback. Mas isso realiza se elevando a prestação física a um nível de intensidade que é um aspecto essencial do desporto quando o tomamos no seu sentido mais completo. (SOBRAL, 1988), e para tal « os conteúdos das práticas pedagógicas dos professores de educação física com o desporto deve tomar como principio fundamental a noção do

“conhecimento espiralado” e ai se inclui o aprendizado de habilidades e capacidades motoras, aspectos de saúde etc...» (ASSIS, 2001). Na observação da (MEDINA, 1990), enfatiza o trabalho dos professores da área para o respeito do corpo e corporeidade dizendo que « a Educação Física, no desenvolvimento de suas práticas no espaço pedagógico, deve compreender o corpo dos alunos como expressão viva do sujeito, de forma integral e não fragmentada...».

Segundo o pensamento contemporâneo de alguns pedagogos (Bento 1991, knappe e hummel, 1991), o objectivo central do ensino na escola é o desenvolvimento da personalidades dos alunos, cabendo a cada disciplina fornecer um contributo específico exclusivo e particular. A educação física é neste contexto «uma disciplina predominantemente orientada para a formação da competência desportiva-motora e para o desenvolvimento da capacidade de rendimento corporal» (BENTO, 1991). MOREIRA (1995) já alertava para a necessidade da transformação dos valores da Educação Física Escolar no sentido de mudar a rota dessa disciplina curricular, em que: o corpo objecto pudesse ceder lugar ao corpo sujeito; o ato mecânico no trabalho corporal cedesse lugar à consciência do movimento; a busca frenética de rendimento pudesse se transformar em prática prazerosa e lúdica; a participação elitista que reduz o número de envolvidos nas actividades desportivas da Educação Física cedesse lugar a uma participação com grande número de seres humanos festejando e se comunicando através do desporto; e, finalmente, que o ritmo padronizado e uníssono da prática da actividade física cedesse lugar ao respeito ao ritmo próprio executado pelos participantes de jogos, desportos, lutas, ginásticas e danças. (MOREIRA, 2008).

Não há dúvida que a Educação Física e o Desporto, ao logo do tempo, têm investido na produção de um corpo objecto. (MOREIRA.W & NÓBREGA.T, 2008). O pensamento Pontyano busca a unidade do ser humano e recusa o dualismo cartesiano, elucidando que temos a possibilidade de resgatar o ser humano da clivagem dualista e propiciar uma vivência mais una e global. A partir destas considerações Manuel Sérgio (1996) traz para o mundo da Educação Física reflexões que se volta para a *unidade*, para a *intencionalidade operante* o mesmo que *motricidade*, para a *facticidade*, para a *intersubjectividade* e para a *transcendência*, sendo estas categorias da filosofia Pontyana. (PEREIRA, 2011).

Os corpos dos alunos participantes nas aulas de Educação Física resumem-se exclusivamente em um conjunto de ossos, músculos, articulações, células e nervos.” Indica ainda que a própria atuação da Educação Física se firma na aptidão física dos alunos. DAÓLIO (1995), mas o

(SANTIN 1987) citado por (SILVA, 2013), afirma que «as aulas da Educação Física fundamentadas a partir da corporeidade passam a ensinar e ajudar viver, sentir-se corporeidade», o autor descreve que a corporeidade nos ajuda a nós expressar, a termos uma dimensão da corporeidade fazendo com que aulas sejam mais significativas e produtivas.

4 MOTRICIDADE MOTORA

Motricidade Humana é Intencionalidade operatória, acção, movimento intencional em direcção à transcendência, praxis criativas; movimento centrífugo e centrípeto de personalização em procura de transcendência; processos e produtos, bio e da cultura, a presença, comunicação e experiência. [...] É que o ser humano é corporeidade e, por isso, é movimento, expressividade e presença. E assim, se manifesta a Motricidade Humana...que não cansa porque não é repetição, mas criação (SÉRGIO, 1996).

Ao definir o mundo como máquina, e tudo o que nele há, inclusive o corpo, *Descartes* apontou como deveria ser a visão, em educação e em ciência, ao nortear o trato corpóreo e associou corpo e relógio, definiu os caminhos das ciências que deveriam cuidar desse corpo, como por exemplo, a Medicina e a própria Educação Física. Como Máquina, relógio não pensa e não sente, devendo apenas funcionar e ser concertado... (MOREIRA.W & NÓBREGA.T, 2008), e ainda o autor acrescenta dizendo que «Peça por peça é o sentido de se entender o funcionamento de máquinas, que, ajustadas, imprimem seu funcionamento eficiente. Desta forma, o corpo máquina foi conhecido e trabalhado em seus detalhes, manipulado em suas partes, ajustado em seu funcionamento. Esse corpo máquina pode ser visto em várias situações propiciadas pela Educação Física e pelo Desporto: é o corpo que corre inúmeras voltas ao redor do campo nas aulas dessa disciplina, curricular sem saber para que; é o alongar-se em posições pré-estabelecidas e o exercitar-se num processo repetitivo de movimentos buscando-se até a exaustão; e o treinar e praticar desportos em posições cada vez mais especializadas na busca de um rendimento perfeito. (MOREIRA.W & NÓBREGA.T, 2008). Por sua vez o FREITAS (2008) citado por (SILVA, 2013), diz que, «a forma como o ser humano lida com sua corporeidade e com os determinados regulamentos de controle do comportamento corporal não são universais e constantes, mas, sim, uma construção social e histórica».

Assim, a Ciência da Motricidade Humana estuda o homem em seu movimento intencional de transcendência ou de superação (SÉRGIO, 1999). Em outra publicação, SERGIO (1996) define a Ciência da Motricidade Humana, classificada dentro das Ciências do Homem, como uma área que se debruça na compreensão e na explicação das condutas motoras, em ordem ao desenvolvimento global do indivíduo e da sociedade e tendo como fundamento simultâneo o físico, o biológico e o antropológico-sociológico. O Trovão, vai além afirmando que a Ciência da Motricidade Humana chegou agora ao areópago onde algumas das suas pares encontraram assento há muito tempo, justificando sua existência. (MOREIRA.W & NÓBREGA.T, 2008)

A união do psiquismo e da motricidade é tão estreita que resulta na formação de um ser humano ou a criança de um modo global que ela seja psicocinética, (SOBRAL, 1988).

Assim como não interessa fixar regras gramaticais e algébricas se os alunos não dispuserem dialógica respectiva que possibilita a sua utilização num conjunto alargado de situações, do mesmo modo não satisfaz decorrer «frases motoras» se não se possui aptidão para seleccionar as situações apropriadas ao seu emprego e adapta-las ao condicionamento de cada situação. (SOBRAL, 1988). Devemos encontrar possibilidade de como prosseguirmos com a sequenciado desenvolvimento das aptidões dos alunos das escolas a partir dos jogos desportivos, a vendo falta do material podemos recorrer ao fabrico do material alternativo ara a execução da aula, porque «a perfeição do automatismo não esta na fixidez dos encadeamentos de acções musculares, mas pelo contrário, nas suas possibilidades de reorganização em cada momento da sua execução e no decurso de execução sucessiva» (SOBRAL, 1988).

A psicocinética, expressão evoluída da expressão psicomotora, toma por referencia básica o desenvolvimento psico-biológico da criança considerada na sua unidade e tem em vista o domínio corporal que é o primeiro elemento do domínio do comportamento, facilitação das aprendizagens escolares e a preformação das capacidades motoras que serão depois solucionadas a níveis superiores de aquisição de automatismo cinético, (SOBRAL, 1988), o mesmo acrescenta dizendo que « a aptidão física decorre da apreciação do homem enquanto realidade biológica, pelo que, neste sentido, a aquisição da aptidão há-de corresponder aos grandes conceitos da biologia humana.

4.1. Ordens de finalidade da aptidão física

4.1.1. Formação corporal: visa o desenvolvimento harmonioso do corpo, acompanhando o processo de crescimento da criança e do adolescente[...], (SOBRAL, 1988)

4.1.2. O desenvolvimento funcional tem como finalidade a melhoria das funções orgânicas, ampliando o potencial fisiológico do indivíduo, aumenta a resistência a fadiga [...], (SOBRAL, 1988).

4.1.3. A perspectiva do desenvolvimentistageral foca a sua atenção na mudança do desenvolvimento que ocorre na generalidade dos indivíduos estando interessado nas mudanças universais do desenvolvimento descritas por curvas médias do desenvolvimento, resultado do ajustamento de um grande número de «curvas residuais». (MOTA, 2000).

4.1.4. A perspectiva desenvolvimentista diferencial tem como unidade de análise o indivíduo, as diferenças marcadas entre os sujeitos e sobretudo a mudança diferencial ocorrida no desenvolvimento. (MOTA, 2000).

A perspectiva desenvolvimentista diferencial assume que o processo de desenvolvimento pode ser qualitativamente diferente entre os indivíduos ou grupo de indivíduos. (MOTA, 2000).

O estudo do desenvolvimento das habilidades e o estudo do desenvolvimento das aptidões tem seguido perspectivas distintas. O estudo do desenvolvimento das habilidades tem seguido fundamentalmente uma perspectiva desenvolvimentista geral. O estudo do desenvolvimento das aptidões tem seguido fundamentalmente uma perspectiva desenvolvimentista diferencial. (MOTA, 2000).

As mudanças observáveis de estágio para estágio são vistas como o reflexo da «reconstrução» do sistema nervoso, representando cada mudança do estágio a substituição de um antigo «programa» neural por um novo (ROBERTON, 1978) citado por (MOTA, 2000), o autor sustenta que «A habilidade distingue-se da aptidão na sua especificidade relativamente a uma tarefa e por ser em grande parte um produto da aprendizagem», visto que o nível de rendimento a ser alcançado por um indivíduo numa dada tarefa, depende do nível de expressão das aptidões subjacentes e da aprendizagem das habilidades inerentes a tarefa, isto e as aptidões e as habilidades actuam em conjunto para a execução do gesto.

Segundo o (HAYWOOD, 1993) citado por (MOTA, 2000) diz que «a vertente probabilística sugere que o desenvolvimento motor não é automático, é determinado por factores exógenos o que fazem com que seja um processo bidireccional, esta perspectiva de estudo propõe que as modificações qualitativas do movimento e o aparecimento de novos comportamentos são emergência de propriedades da dinâmica do sistema motor.

Esses paradigmas apresentam três pressupostos fundamentais:

- A unidade essencial do sistema motor em desenvolvimento é a estrutura organizativa e o movimento emerge da auto organização dos sistemas corporais do envolvimento e das exigências da tarefa
- Os indivíduos são compostos por vários sistemas complexos que agem cooperativamente e que tem cada um o seu próprio curso do desenvolvimento;
- O desenvolvimento é descontínuo, os novos padrões do movimento substituem os antigos.

Nos seus vários estudos FLEISHMAN, 1964, 1965,1967; FLEISHMAN e QUINTANCE, 1984) identificou mais de cinquenta aptidões que cobrem quatro domínios distintos: aptidões físicas, psicomotoras, perceptivas e cognitivas. (MOTA, 2000), para ele «a habilidade distingue se da aptidão na sua especificidade relativamente a uma tarefa e por ser em grande parte um produto da aprendizagem.O nível de rendimento susceptível de ser alcançado de um indivíduo numa dada tarefa, depende então do nível de expressão das aptidões subjacentes e da aprendizagem das habilidades inerentes a tarefa».

A generalidade dos autores considera que todo processo de mudança no desenvolvimento humano é regulado por duas grandes ordens de factores: hereditárias e de envolvimento que actuam de forma interactiva e em co-variância, (BLOOM,1964; RARICK, 1973; KOVÁR, 1981) citado por mota (MOTA, 2000).

4.2.2. Mudanças intra- individuais nas habilidades

O estudo da mudança requer que se olhe com atenção para o desenvolvimento como um fenómeno dinâmico e não como um fenómeno estático. A dinâmica da mudança apenas pode ser analisada com rigor através de estudos longitudinais ou longitudinais mistos. (MOTA, 2000).

O desenvolvimento das habilidades motoras ocorre tanto do ponto de vista qualitativo como quantitativo. Verifica se o desenvolvimento quantitativo na medida em que o rendimento dos indivíduos na execução das habilidades se altera com idade. E verifica se um desenvolvimento qualitativo na medida em que o processo e a forma de execução das habilidades melhora com idade. (MOTA, 2000). O corpo agora não é sinónimo apenas de carne e de massa muscular. Por sua vez, a Educação Física não deve se preocupar apenas com o movimento corporal, mas sim, com o ser humano que se movimento. A diferença parece sutil, mas, é de grande significado existencial. (MOREIRA.W & NÓBREGA.T, 2008). O sentido de corporeidade nos remete ao mundo de novas percepções que deverão substituir visões antigas. A corporeidade é um corpo engendrando vida, experienciando, vivenciando, na perspectiva humana, a caminhada em direcção ao mundo. Essa relação corpo-mundo é fundamental, pois: (NETO, 2012)

Apesar da sociedade pós-moderna se caracterizar por desmaterialização e *afisicidade* indicadoras do domínio da mente sobre o corpo, nós continuamos a ser muito devotos do corpo [...] porque foi ele que nos salvou ao longo de milénios da história humana. Continuamos a investir nele muitos dos esforços tendentes à melhoria da qualidade de vida e passam por ele muitas das tentativas de fazer da existência e do dia a dia um projecto de arte. (BENTO, 2004).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pensamento complexo nos permite compreender que a corporeidade humana é uma emergência do processo de evolução

Hoje a dificuldade em se pensar a corporeidade na escola, está na falta de oportunidade e da própria resistência em expressar e falar sobre o próprio corpo. Ainda existe muito preconceito a respeito da expressividade de um corpo. Entretanto, pensar e reflectir sobre o corpo enquanto corporeidade requer uma abertura para além dos modelos filosóficos hegemónicos dos paradigmas antigo e moderno. Superar essa realidade fragmentária de corpo herdada da Modernidade ainda se coloca como um desafio fundamental em todo o processo educativo.

E para isso, a educação deve compreender esse ser humano em sua complexidade construindo diálogo sobre a questão do corpo de forma interdisciplinar. A Educação Física precisa considerar que a forma de viver e se organizar de uma sociedade é o que determina o modelo corporal considerado ideal, assim como as actividades a serem efectivadas em sua prática pedagógica. Os professores de Educação Física deveriam oportunizar mais aulas com expressão de movimentos, proporcionando espaços para a criatividade de nossos alunos, permitindo que os alunos possam compreender mais a corporeidade.

O jogo desportivo é uma acção renovadora e enriquecedora, porque permite acumular respostas de tipo novo dificilmente atingíveis, o desporto vive dos valores e é com eles que constrói a sua história, o seu imaginário e o seu legado de princípios e ideais. E pode certamente ajudar a difundi-los, recreando as forças de renovação da vida e do triunfo do Homem e socializa na vitória e na derrota

6. BIBLIOGRAFIA.

1. AHLERT. A. Corporeidade e educação: o corpo e os novos paradigmas da complexidade. Junho 2011
2. BENTO. J. Modelos de Corpoe Pessoa. Nota editorial desporto e filosofar. Setembro de-2013
- 3. BENTO. J. Desporto Discurso e Substância.** Porto : Campo das Letras, 2004 Colecção: Saberes do desporto.
4. BENTO J. Dialéctica da Educação Física. Porto. Maio de 1981.
5. BERTUOL. F. A corporeidade essencial a acção pedagógica. In: Congresso Nacional da Área de Educação. Curitiba, Brasil 2005.
- 6 . BOFIM. T. Corporeidade e Educação Física. Faculdades Integradas, Maio de 2011.
7. BRAGA. A. Corporeidade, esporte e identidade masculina. Dezembro, 2011.
8. BRAUNSTEIN. F. O lugar do corpo na cultura ocidental. Colecção Epistemologia e Sociedade Lisboa: Instituto Piaget, 1999.
9. CAPRA. F. O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. Trad:
10. CAMBI. F. História da Pedagogia. São Paulo: UNESP, 1999.

11. DAÓLIO. J. Por uma Educação Física plural. **Motriz**. Campinas. Dezembro 1995.
12. DAÓLIO. J. Da cultura do corpo. 11ª ed. Campinas: Papyrus, 2007.
13. DUARTE . S. Diálogos entre a corporeidade e a educação física: percepções do corpo de escolares Vol. 1. Rio Grande do norte, Brasil 2014.
14. LEFÈVRE. F. O discurso do sujeito coletivo.um novo enfoque em pesquisa qualitativa. 2ª ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2003.
15. FERNANDES. U. O corpo em Merleau-Ponty: Percepção, Significado e sua Ipseidade Intersubjetiva. *Cadernos da Graduação*, Campinas, 2010.
16. FRIGOTTO, G. “Qualidade de Vida, Educação e Universidade”. In Machado, São Paulo Brasil, (1996)
17. GAYA. A. A reinvenção dos corpos: por uma Pedagogia da Complexidade. Porto Alegre, Jun 2006.
18. GOMES. P. Corporeidade, criatividade e inteligência emocional. In: encontro paranaense, congresso Brasileiro, Convenção Brasil/Latino América, Curitiba 2008. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. [21.05.2015].
19. GONÇALVES. A. A re-significação do corpo pela educação física escolar, face ao estereótipo construído da contemporaneidade. Pensar a Prática. Dezembro. 2007.
20. GONÇALVES. S. Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação. 10ª ed. Campinas: Papyrus, 2007.
21. HÚNGARO. E. esporte, educação, corpo e saúde. 2008, são Paulo, Brasil.
22. JOÃO. B. “Pensando a corporeidade na prática pedagógica em Educação Física à luz do pensamento complexo” Setembro, São Paulo, 2004.
23. JUNIOR. H. Os processos formativos da corporeidade e o marxismo: aproximações pela problemática do trabalho. Revista Brasileira de Educação. Abril. 2008
24. LIMA. T. Competição. Desporto de Dimensões Humanas?.. Livros Horizonte. Lisboa 1981.
25. LIMA. T. O desporto está nas suas mãos. Lisboa. Horizonte de Cultura Física. 1981.

26. MONTEIRO. A. Corporeidade e Educação Física: histórias que não se contam na escola!
Dissertação mestrado – Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2009.
- 27.MOTA. J. et al. Aptidões e Habilidades Motoras - uma visão desenvolvimentista. de,
livros horizonte, rua das chagas, Lisboa, Portugal. Outubro 2000
- 28.MOREIRA.W.Fenomenologia, educação física, desporto e motricidade: convergências
necessárias.Dezembro de 2008.
- 29.MOREIRA. Esporte para a vida no ensinomédio, são Paulo Brasil, cortez
editora, Junho 2012.
- 30.MEDINA. A.Educação física cuida do corpo e... “mente”:bases para a renovação e transformação
da educação física. – 9º ed. – Campinas, SP. 1990.
- 31.NETO. M. Educação Física, Corporeidade e Saúde. 2012
- 32.NÓBREGA.T. O corpo humano: objecto de intervenções e sujeito da existência *Centro
Federal deEducação Tecnológica do Rio Grande do Norte.* 2005.
- 33.NÓBREGA. T. Uma fenomenologia do corpo., editora livraria de física, 1ª edição, São Paulo
Brasil 2010.
34. NÓBREGA. T. Agenciamentos do corpo na sociedade contemporânea:Uma abordagem
estética do conhecimento da Educação Física. *Sobrevivência*, v. II, nº 16, p. 1-
11, Março, 2001.
35. NOVAES. A. O homem-máquina:a ciência manipula o corpo. São Paulo: Companhia das
Letras, 2003.
36. OLIVIER. F. Um olhar sobre o esquema corporal, a imagem corporal a consciência corporal
e a corporeidade. 108p. Dissertação (Mestrado em Educação Física).
Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 1995.
37. PEREIRA.A. A ciência da motricidade humana e as suas possibilidades
metodológicas*Revista Digital do Paideia.* Março de 2011.

38. POSSATO.B. Primeiras pistas sobre o Corpo na Escola. Uniararas, Araras – São Paulo Maio de 2011.
39. REHFELD, A. “Corpo e Corporeidade: uma leitura fenomenológica” Publicado na Revista de Psicologia do Instituto de Gestalt de São Paulo, n.1 – 2004.
40. SANTIN.S. Educação Física e Desportos: Uma Abordagem Filosófica da Corporeidade.Porto Alegre, Junho, 2005.
- 41.SANTOS.L.A Atividade física e a construção dacorporeidade na Grécia antiga. Revista da educação física, 1997.**
- 42.SILVA. M. **Corporeidade, Educação Física e a formação de crianças na Educação Infantil** Belo Horizonte, BRASIL, 2013.
- 43.SÉRGIO. M. Epistemologia da motricidade humana. Lisboa, 1996.
44. SOBRAL. F. A Introdução a Educação Física. Livros horizontes, Lisboa, Outubro de 1988.
45. TEIXEIRA. D et al. O Sentido Ético-Estético do corpo no Pensamento Filosófico da Grécia Antiga e suas implicações para a Educação Física - Colecção Pesquisa em Educação Física. 2007.